

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

# Espécies Arbóreas Brasileiras



**Jerivá**

*Syagrus romanzoffiana*

volume

2

# Jerivá

*Syagrus romanzoffiana*

Fernandes Pinheiro, PR



Curitiba, PR (Arborização urbana)



# Jerivá

*Syagrus romanzoffiana*

## Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Syagrus romanzoffiana* obedece à seguinte hierarquia:

**Divisão:** Magnoliophyta (Angiospermae)

**Classe:** Liliopsida (Monocotyledonae)

**Ordem:** Arecales

**Família:** Arecaceae (Palmae)

**Gênero:** *Syagrus*

**Espécie:** *Syagrus romanzoffiana* (Chamisso) Glassman.

**Publicação:** Fieldiana: Botany 31: 382, figs. 10, 14, 1968.

**Sinonímia botânica:** *Arecastrum romanzoffianum* var. *romanzoffianum* Becc.; *Cocos plumosa* Hooker; *Cocos romanzoffiana* Chamisso.

**Nomes vulgares por Unidades da Federação:** coquinho e jerivá, em Mato Grosso do Sul; coco-baboso, coqueiro, coquinho, coquinho-babão e jerivá, em Minas Gerais; coqueiro, co-

queiro-coquinho, coquinho, jerivá e palmeira, no Paraná; baba-de-boi e jerivá, no Estado do Rio de Janeiro; coqueiro, coqueiro-jerivá, coquinho e jerivá, no Rio Grande do Sul; coco-de-cachorro, coqueiro, jerivá e palmeira, em Santa Catarina; baba-de-boi, coqueiro, coqueiro-jerivá, coqueiro-tupi, jerivá, palmeira e pindó, no Estado de São Paulo.

**Nomes vulgares no exterior:** *pindó*, na Argentina; *pindo*, no Paraguai; *chirivá*, no Uruguai. É conhecida também em outros países, onde é chamada de *queen palm*.

**Etimologia:** o epíteto específico *romanzoffiana* é uma homenagem ao Conde N. Romanzoff, chanceler do Império da Rússia e protetor das ciências, das artes e do comércio. A expedição russa de 1815, em que Adalberto Chamisso coletou o nosso coqueiro, foi realizada às expensas de Romanzoff (REITZ, 1974; MARCHIORI, 1995).

Segundo J. Barbosa Rodrigues, o nome indígena jerivá vem de *yarivá*, que por sua vez procede de *yaryb* e *uá*, frutos que dão em espadices ou, segundo outros, de *yary* (gomoso) e *ya* (fruto). Portanto, *yaryuá* significa “fruta gomosa” (REITZ,

1974). Por isso, no Estado do Rio de Janeiro, seu nome comum é baba-de-boi. Contudo, segundo Silva (1991), significa “fruta que dá em espigas”, ou seja, em quantidade, generosamente.

## Descrição

**Forma biológica:** palmeira, medindo até 30 m de altura e 60 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

**Tronco:** é um tronco ou estípite isolado. É cilíndrico, essencialmente liso, mas claramente marcado com vestígios das bases do pecíolo, em forma de anéis.

**Ramificação:** é em copa, composta de folhas pinadas e arqueadas, com pecíolos largos. Em contraste com o palmiteiro (*Euterpe edulis*), não há uma separação entre o término do tronco e o aparecimento das folhas.

**Casca:** a casca externa – ou ritidoma – é acinzentada e finamente fissurada, apresentando cicatrizes foliares que dão à árvore uma aparência muito característica (ROTTA, 1977). A casca interna é de cor creme-esverdeada, com textura fibrosa. Apresenta estrutura trançada.

**Folhas:** são alternas, medindo até 5 m de comprimento, pinadas, com folíolos estreitos e dispostos em vários planos na raque. O pecíolo é expandido, com bainha de margens fibrosas e glabras.

**Inflorescências:** é interfoliar, medindo de 1 a 1,5 m de comprimento, protegida por uma espadice lenhosa e glabra, a qual é formada por uma panícula de espigas, com pedúnculo longo, com espata lenhosa, longo-cilíndrica ou fusiforme, profundamente sulcada externamente e com estrias.

**Flores:** são numerosas e unissexuais, com três pétalas. As flores masculinas medem 10 mm, sendo encontradas de 1 a 2 por rama. As flores femininas medem 5 mm, sendo distribuídas 1 entre 2 masculinas, na parte baixa.

**Fruto:** é uma drupa globosa a elipsóide, de cor amarelo-pardacenta a amarelo-alaranjada, na maturação. São parcialmente carnáceos e lisos, com mesocarpo fibroso, muito mucilaginoso, suculento e adocicado. São comestíveis, de sabor agradável e medem de 3 a 5 cm de comprimento por 2 a 3 cm de diâmetro, com apenas uma semente e invólucro floral levemente ampliado no fruto. O endocarpo apresenta três orifícios próximos à base.

**Semente:** é ovóide e mede de 1 a 2 cm de comprimento.

## Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

**Sistema sexual:** essa espécie é monóica (LEITE, 2001).

**Vetor de polinização:** essencialmente abelhas de diversas espécies (PIRANI; CORTOPASSI-LAURINO, 1993).

**Floração:** floresce quase o ano inteiro, com maior intensidade de setembro a março, no Rio Grande do Sul (BACKES; NARDINO, 1998); de dezembro a abril, no Paraná (ROTTA, 1977) e o ano todo, no Estado de São Paulo.

**Frutificação:** os frutos são encontrados maduros o ano todo. Contudo, eles amadurecem de agosto a março, no Paraná; em setembro, em Santa Catarina e de outubro a novembro, no Rio Grande do Sul (LONGHI et al., 1984).

**Dispersão de frutos e sementes:** essencialmente zoocórica (MIKICH; SILVA, 2001; SPINA et al., 2001). De um total de 10 mil frutos observados por Zimmermann (1995) em Blumenau, SC, 15,5% foram transportados pelos dispersores, 56,54% danificados e 27,96% deixados intactos. Conclui-se que *Syagrus romanzoffiana* é uma fonte importante de alimento para a comunidade faunística em floresta secundária, onde se observa uma acentuada interação.

Andrade (2003) relaciona as seguintes espécies de aves que consumiram frutos ou diásporos do jerivá em Lavras, MG: *Aratinga leucophthalmus*, *A. solstitialis*, *Brotogeris chiriri*, *Coereba flaveola*, sanhaço-cinza (*Thraupis sayaca*), *T. palmarum* e saí-azul (*Dacnis cayana*).

O esquilo-brasileiro ou esquilo-caxinguelê (*Sciurus ingrami*) é um dispersor e predador dos frutos. Durante os meses com muitos frutos, eles comem os coquinhos do jerivá e enterram as sementes para se alimentarem no inverno (MORAES, 1992; MORELLATO; LEITÃO FILHO, 1995). Nesse processo, muitas sementes são dispersas, já que, às vezes, os esquilos não encontram as sementes que eles enterram. O jerivá é responsável por cerca de 40% da dieta do esquilo (LEITE, 2001).

*Syagrus romanzoffiana* é também de grande importância para o mico-leão-preto (*Leontopithecus chrysopygus*), que come o exocarpo dos frutos dessa espécie, totalizando mais de 79% da parte vegetal de sua alimentação. Assim, o jerivá contribui para a sobrevivência dessa espécie (MAMED-COSTA; GODOI, 1998).

Em Santa Catarina, o jerivá também é conhecido por coco-de-cachorro, porque o graxaim ou guaxinim (*Canis brasiliensis*) aprecia seus frutos. Na

floresta, freqüentemente são encontrados monturos fecais quase unicamente de cocos despolpados pela digestão (REITZ, 1974).

A polpa adocicada dos frutos é também apreciada por outros mamíferos, que geralmente a removem e regurgitam o diásporo, sendo por isso considerados importantes para a dispersão dessa espécie. Dentre esses mamíferos, destacam-se os mono-carvoeiros (*Brachyteles arachnoides*; *Cebus apella*), guariba ou bugio (*Alouatta fusca*), *Pterodorus granulosus*; *Cerdocyon thous*, anta (*Tapirus terrestris*), *Procyon concolor* (KUHLMANN; KUHN, 1947; MORAES, 1992; GUIX; RUIZ, 1995).

O lagarto-teiú (*Tupinambas* sp.) é também um importante agente dispersor dessa espécie.

## Ocorrência Natural

**Latitudes:** de 14° S, na Bahia, a 33° 50' S, no Rio Grande do Sul.

**Varição altitudinal:** de 40 m a 1.600 m de altitude, em Santa Catarina.

**Distribuição geográfica:** *Syagrus romanzoffiana* ocorre, de forma natural, no nordeste da Argentina (MARTINEZ-CROVETTO, 1963), no Paraguai (LOPEZ et al., 1987) e no norte do Uruguai (GRELA, 2003).

Essa espécie de palmeira foi plantada na Costa Rica (HOLDRIDGE; POVEDA, 1975).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 36):

- Distrito Federal (FILGUEIRAS; PEREIRA, 1990; WALTER; SAMPAIO, 1998; MARTINS; FILGUEIRAS, 1999; PROENÇA et al., 2001).
- Mato Grosso do Sul (SOUZA et al., 1997).
- Minas Gerais (MAGALHÃES, 1967; RAMOS et al., 1991; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992a, b; BRANDÃO et al., 1993c; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO; SILVA FILHO, 1994; BRANDÃO et al., 1994; BRANDÃO et al., 1995c; CARVALHO et al., 1995; GAVILANES et al., 1995; VILELA et al., 1995; BRANDÃO et al., 1997; MEIRA NETO et al., 1997; PEDRALLI; TEIXEIRA, 1997; BRANDÃO et al., 1998d, e; MEIRA-NETO et al., 1998; PEREIRA; BRANDÃO, 1998; CARVALHO et al., 2000a, b; JOSÉ et al., 2000; MEIRA NETO; MARTINS, 2000; LEITE, 2001; CARVALHO, 2002; COSTA, 2004; GOMIDE, 2004; PIVARI; FORZZA, 2004).
- Paraná (HATSCHBACH; MOREIRA FILHO, 1972; ROTTA, 1977; CARVALHO, 1980;

RODERJAN; KUNIYOSHI, 1988; GOETZKE, 1990; RODERJAN, 1990a, b; SILVA, 1990; OLIVEIRA, 1991; RAMOS et al., 1991; HARDT et al., 1992; SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1992; SILVA et al., 1995; NAKAJIMA et al., 1996; TOMÉ; VILHENA, 1996; SOUZA et al., 1997; SOARES-SILVA et al., 1998; LACERDA, 1999; SONDA et al., 1999; MIKICH; SILVA, 2001; PEGORARO; ZILLER, 2003).

- Estado do Rio de Janeiro (HENRIQUES et al., 1986; CARAUTA; ROCHA, 1988; SILVA et al., 2000; PEIXOTO et al., 2004).
- Rio Grande do Sul (BAPTISTA; IRGANG, 1972; REITZ, 1974; LINDEMAN et al., 1975; KNOB, 1978; AGUIAR et al., 1979; OLIVEIRA, 1979; SOARES et al., 1979; MARTAU et al., 1981; AGUIAR et al., 1982; JACQUES et al., 1982; PEDRALLI; IRGANG, 1982; PEDRALLI, 1984; BRACK et al., 1985; LONGHI et al., 1986; PORTO; DILLENBURG, 1986; BUENO et al., 1987; AMARAL, 1990; GIRARDI-DEIRO et al., 1992; TABARELLI, 1992; TABARELLI et al., 1992; VASCONCELOS et al., 1992; BALBUENO; ALENCASTRO, 1996; LONGHI, 1997; NASCIMENTO et al., 2001; DORNELES; WAECHTER, 2004).
- Santa Catarina (KLEIN, 1969; REITZ, 1974; MACHADO et al., 1992; NEGRELLE; SILVA, 1992; NEGRELLE, 1995; CALDATO et al., 1999).
- Estado de São Paulo (KUHLMANN; KUHN, 1947; NOGUEIRA, 1976; DE GRANDE, 1981; PAGANO, 1985; DEMATTÊ et al., 1987; BAITELLO et al., 1988; MATTHES et al., 1988; MEIRA NETO et al., 1989; PAGANO et al., 1989; VIEIRA et al., 1989; NICOLINI, 1990; GANDOLFI, 1991; MALTEZ et al., 1992; MANTOVANI, 1992; MENDONÇA et al., 1992; NASTRI et al., 1992; SALIS et al., 1994; COSTA; MANTOVANI, 1995; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; BERNACCI; LEITÃO FILHO, 1996; IVANAUSKAS et al., 1997; ROZZA, 1997; TOLEDO FILHO et al., 1997; CAVALCANTI, 1998; DURIGAN et al., 1999; ALBUQUERQUE; RODRIGUES, 2000; DÁRIO; ALMEIDA, 2000; DURIGAN et al., 2000; FONSECA; RODRIGUES, 2000; IVANAUSKAS; RODRIGUES, 2000; AOKI et al., 2001; BATALHA; MANTOVANI, 2001; BERTANI et al., 2001; BERTONI et al., 2001; OLIVEIRA et al., 2001).



**Mapa 36.** Locais identificados de ocorrência natural de jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), no Brasil.

## Aspectos Ecológicos

**Grupo ecológico ou sucessional:** espécie pioneira (REITZ, 1974), secundária inicial (VILELA et al., 1993) ou secundária tardia (FERRETTI et al., 1995).

**Importância sociológica:** essa espécie é encontrada tanto em clareiras pequenas, menos de 60 m<sup>2</sup>, quanto em clareiras grandes, com mais de 100 m<sup>2</sup> (COSTA; MANTOVANI, 1992).

## Biomass / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

*Syagrus romanzoffiana* apresenta alta plasticidade ecológica, ocorrendo em ecossistemas tão diversificados quanto:

### Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), nas formações Submontana e

Montana, no Rio Grande do Sul, com frequência de até 18 indivíduos por hectare.

- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana e Montana, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de 1 a 32 indivíduos por hectare (GALVÃO et al., 1989; VIEIRA et al., 1989; RODERJAN, 1990a; VASCONCELOS et al., 1992; GONZALEZ, 1994; VILELA et al., 1994; TOMÉ; VILHENA, 1996; MEIRA NETO et al., 1997; MEIRA-NETO et al., 1998; IVANAUSKAS et al., 1999; CARVALHO et al., 2000a e b; DURIGAN et al., 2000).
- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas, Submontana e Montana, no Paraná, no Estado do Rio de Janeiro, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo, com frequência de 1 a 62 indivíduos por hectare (NASTRI et al., 1992; DISLICH et al., 2001).
- Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), nas formações Aluvial e Montana, no

Paraná e em Santa Catarina, com frequência de 5 a 142 indivíduos por hectare (GALVÃO et al., 1989; PEGORARO; ZILLER, 2003; BARDDAL et al., 2004).

- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, e no Rio Grande do Sul.

Na Ilha do Cardoso, SP, mesmo não sendo característica de manguezais. O jerivá pode ser encontrado na linha das marés ou mais no interior, nas margens de rios que sofrem influência das marés, como o Rio Perequê.

### Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado lato sensu, no Estado de São Paulo (BATISTA; COUTO, 1990).
- Savana Florestada ou Cerradão, no Estado de São Paulo, onde ocorre eventualmente.

### Bioma Pampas

- Estepe ou Campos do Sul do Brasil, no Rio Grande do Sul.

### Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de 2 a 14 indivíduos por hectare (SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1992; SOARES-SILVA et al., 1998).
- Floresta de brejo, no Estado de São Paulo (IVANAUSKAS et al., 1997; TONIATO et al., 1998).
- Floresta turfosa, no Rio Grande do Sul (DORNELES; WAECHTER, 2004).

## Clima

**Precipitação pluvial média anual:** de 1.000 mm, em Minas Gerais, a 2.500 mm, no Estado do Rio de Janeiro.

**Regime de precipitações:** chuvas uniformemente distribuídas, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná). Periódicas, nas demais regiões.

**Deficiência hídrica:** nula, na Região Sul (excetuando-se o norte do Paraná), no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro e no litoral e no sudoeste do Estado de São Paulo. Pequena, no verão, no sul do Rio Grande do Sul. De pequena a moderada, no inverno, no Distrito Federal, no

centro e no leste do Estado de São Paulo e no sul de Minas Gerais. Moderada, no inverno, no sudeste de Minas Gerais, no oeste do Estado de São Paulo, no norte do Paraná e no sul de Mato Grosso do Sul. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais. Forte, no norte de Minas Gerais.

**Temperatura média anual:** 13,2 °C (São Joaquim, SC) a 23,7 °C (Rio de Janeiro, RJ).

**Temperatura média do mês mais frio:** 9,4 °C (São Joaquim, SC) a 21,3 °C (Rio de Janeiro, RJ).

**Temperatura média do mês mais quente:** 17,2 °C (São Joaquim, SC) a 26,5 °C (Rio de Janeiro, RJ).

**Temperatura mínima absoluta:** -10,4 °C (Caçador, SC). Na relva, a temperatura mínima absoluta pode chegar até -17 °C.

**Número de geadas por ano:** médio de 0 a 30; máximo absoluto de 57 geadas, na Região Sul.

**Classificação Climática de Koeppen:** **Af** (tropical superúmido), na faixa costeira do Paraná e dos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. **Aw** (tropical úmido de savana, com inverno seco), em Minas Gerais e nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. **Cfa** (subtropical úmido, com verão quente), no Paraná, no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo. **Cfb** (temperado sempre úmido, com verão suave e inverno seco, com geadas frequentes), no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

**Cwa** (subtropical, de inverno seco não rigoroso e com verão quente e moderadamente chuvoso), no Distrito Federal e no Estado de São Paulo.

**Cwb** (subtropical de altitude, com verões chuvosos e invernos frios e secos), no sul de Minas Gerais e no Estado de São Paulo.

## Solos

Ocorre, naturalmente, em solos tanto de alta como de baixa fertilidade química e ocasionalmente nos afloramentos de arenito (HATSCHBACH; MOREIRA FILHO, 1972). Espécie indicadora de solos mais pobres (arenosos), no noroeste do Paraná (KLEIN, 1985). Essa espécie pode vegetar em terrenos secos, orgânicos ou sujeitos a inundação temporária (KAGEYAMA et al., 1991) ou temporariamente encharcados (KLEIN, 1969).

## Sementes

**Colheita e beneficiamento:** o fruto do jerivá é colhido quando maduro. Seu invólucro é quebrado com muito cuidado. Recomenda-se que as



sementes devam ser retiradas manualmente dos frutos, com auxílio de morsa e espátula (VALLILO et al., 2001).

**Número de sementes por quilo:** 140 (LORENZI, 1992) a 220.

**Tratamento pré-germinativo:** as sementes de *Syagrus romanzoffiana* apresentam taxa de germinação média e uma baixa velocidade de emergência, o que sugere a existência de algum mecanismo de dormência. José et al. (2000) detectaram indícios de compostos fenólicos inibidores da germinação em sementes de jerivá no extrato feito com sementes dessa espécie.

Recomenda-se, também, o despoldramento, pois este acelera a germinação da semente (GUION; KAGEYAMA, 1996).

**Longevidade e armazenamento:** a semente do jerivá dura 15 dias (LONGHI et al., 1984). Os diásporos do jerivá não perderam a viabilidade até 4 meses de armazenamento, sendo considerados quanto à tolerância à dessecação e ao armazenamento, de comportamento ortodoxo (LEITE, 2001).

## Produção de Mudanças

**Semeadura:** recomenda-se semear em recipientes, sacos de polietileno, ou em tubetes de polipropileno de tamanho grande.

**Germinação:** é hipógea ou criptocotiledonar. Sua multiplicação é problemática, pois geralmente a emergência é lenta, entre 90 a 180 dias e, quando ocorre, é muito baixa. Acredita-se que o endocarpo não impede a absorção de água no processo de embebição (LEITE, 2001). O poder germinativo é superior a 60%. As mudas atingem porte adequado para plantio, cerca de 12 meses após a semeadura.

## Características Silviculturais

Espécie heliófila (REITZ, 1974), que tolera baixas temperaturas.

**Métodos de regeneração:** o jerivá pode ser plantado a pleno sol, tanto em plantios puros como em plantios mistos.

**Tabela 31.** Crescimento de *Syagrus romanzoffiana*, em plantios no Paraná e no Estado de São Paulo.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Colombo, PR <sup>(1)</sup>	20	5 x 5	100,0	7,50	28,0	CHa
Ilha Solteira, SP <sup>(2)</sup>	1	3 x 1,5	...	0,98	...	LVdf

(a) CHa = Cambissolo Húmico Aluminico; LVdf = Latossolo Vermelho distroférrico.

(...) Dado desconhecido, apesar de o fenômeno existir.

Fonte: <sup>(1)</sup> Embrapa Florestas.

<sup>(2)</sup> Santarelli (1990).

**Sistemas agroflorestais:** é freqüente encontrar essa palmeira em pastagem, e pode ser transplantada com qualquer tamanho. Pelo fato de as folhas serem utilizadas na alimentação dos animais, é bem provável que essa é a razão pela qual os jerivás são poupados nas derrubadas.

## Genética e Melhoramento

A avaliação da divergência genética entre matrizes de jerivá, com a utilização de marcadores RAPD, é eficiente, detectando-se 81,7% de polimorfismo (LEITE, 2001).

## Crescimento e Produção

*Syagrus romanzoffiana* apresenta crescimento lento a moderado (KAGEYAMA et al., 1991). Dados de crescimento são mostrados na Tabela 31.

## Características da Madeira

**Massa específica aparente (densidade):** 0,812 g.cm<sup>-3</sup> (PAULA; ALVES, 1997).

**Cor:** apresenta cor parda.

**Características gerais:** é dura e fibrosa.

## Produtos e Utilizações

**Madeira serrada e roliça:** com seu tronco muito duro, tem usos diversos, sendo lascado em sarrafos de 15 a 20 cm para cercar paióis e chiqueiros. É comum usarem como postes, mangueirões, cercas, caibros e ripas de paióis provisórios, material de cobertura na construção de casas rústicas – e outras aplicações rurais – e como material de artesanato.

**Energia:** as folhas do jerivá são bastante resistentes e em muitos locais são utilizadas como material combustível (MAIXNER; FERREIRA, 1978).

**Constituintes fitoquímicos:** as sementes do jerivá constituem uma fonte razoável de proteínas

e significativa de fibras alimentares e de selênio. Apresentam, também, lipídios, o que lhe confere maior valor calórico (VALLILO et al., 2001). Contudo, o elevado índice de cobre encontrado nessas sementes mostra uma possível toxicidade – se ingeridas in natura, como alimento – e contaminação antrópica dos locais de coleta. A composição em ácidos graxos dos óleos do jerivá se assemelha à do óleo de coco.

**Alimentação animal:** a forragem do jerivá apresenta 11,8% a 15% de proteína bruta e 4% a 5,2% de tanino (LEME et al., 1994), constituindo, na época da estiagem, uma forragem apreciada no Estado de São Paulo, pelos equíinos (KUHLMANN; KUHN, 1947). Nas estradas de algumas regiões do Rio Grande do Sul, é comum observar-se o transporte das folhas do jerivá.

**Alimentação humana:** o fruto dessa palmeira fornece polpa adocicada comestível, sendo de grande importância na alimentação. Segundo Ragonese; Martinez Crovetto (1947), o fruto e o *cogollo*, junto com o mel silvestre e algumas larvas, constituem a dieta básica dos índios Guaranis do leste do Paraguai. Salvador; Oliveira (1989) também afirmam que os frutos do jerivá, quando bem secos, substituem a tâmara. No sul do Estado de Santa Catarina, os agricultores plantam áreas regulares perto das pocilgas, conhecidas como cocais, onde os porcos encontram alimento abundante por muitos meses do ano (REITZ, 1974). No Brasil, em algumas regiões, o palmito dessa palmeira é muito apreciado, embora apresente gosto ligeiramente amargo (JOSÉ et al., 2000).

**Apícola:** as flores do jerivá são melíferas e de grande potencial apícola, produzindo pólen e néctar (PIRANI; CORTOPASSI-LAURINO, 1993).

**Medicinal:** o chá da casca e da flor – com brotos de amora – é usado no combate ao amarelão, problemas de rins e diarreias (FRANCO; FONTANA, 1997). A casca é vermífuga, bem como o suco do coco. Diz a crença popular que “se o coquinho for comido quente do sol, dá diarreia”.

**Paisagístico:** essa palmeira é altamente decorativa e muito usada em projetos paisagísticos, principalmente no Sul do Brasil. É a palmeira nativa mais cultivada. *Syagrus romanzoffiana* apresenta belo efeito paisagístico, sendo cultivada nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. Por seu sistema radicular ser superficial e bastante ramificado, tolera o transplante com relativa facilidade, obtendo-se alto índice de pega. Para uso em arborização, o transplante de indivíduos adultos é fato comum (RODERJAN, 1990; SOARES, 1990; KAGEYAMA et al., 1991).

Em Brasília, DF, coqueiros de grande altura foram plantados em fileiras pelo paisagista Burle Marx,

diante do Palácio da Alvorada (REITZ, 1974). Em Curitiba, PR, essa espécie é pouco plantada devido aos problemas de incompatibilidade com a fiação aérea, a ocorrência da frutificação, que deve ser removida pela Prefeitura para evitar vandalismo e danos às residências, e devido aos frutos que sujaram as calçadas, podendo provocar acidentes aos pedestres (BIONDI; ALTHAUS, 2005).

**Plantios para recuperação e restauração ambiental:** essa espécie é indicada para restauração de ambientes ripários (VILELA et al., 1993), em áreas com o solo permanentemente encharcado (DURIGAN; NOGUEIRA, 1990; TORRES et al., 1992). O jerivá apresenta raízes superficiais que tornam ideal seu plantio nas margens de rios.

As flores e os frutos de *Syagrus romanzoffiana* servem de alimento para inúmeros animais: insetos, aves, mamíferos e peixes. Os monocaevos (*Cebus apella*) e outros animais silvestres comem os frutos, que são muito apreciados também pelo lagarto-teiú (*Tupinamba* spp.) e o graxaim ou guaxinim (*Canis brasiliensis*), entre outros.

**Artesanato:** na Região Oriental do Paraguai, os índios Guaranis fazem seus arcos do ráquis (LOPEZ et al., 1987). Na zona rural catarinense, as crianças que não podem esquiar no exterior fazem-no em seu sítio mesmo, colina abaixo, montadas nas carriolas, que são as espadas do jerivá (REITZ, 1974).

**Fibras:** são aproveitadas na confecção de roupas, redes e outros artigos úteis (LOPEZ et al., 1987).

**Saponina:** é extraída dos frutos, para fabricação do sabão (LOPEZ et al., 1987).

## Principais Pragas

A semente é muito atacada por larvas de insetos (LONGHI et al., 1984). As folhas apresentam alta suscetibilidade à lagarta (*Brasolis* sp.) (BIONDI; ALTHAUS, 2005).

## Espécies Afins

O gênero *Syagrus* compreende cerca de 30 espécies distribuídas na América do Sul, com maior diversidade no Cento-Oeste do Brasil. Por sua ampla distribuição geográfica, esse gênero apresenta grandes variações morfológicas regionais. No Bioma Mata Atlântica, são registradas 14 espécies (HENDERSON et al., 1995).

**Embrapa**

---

**Florestas**

**Referências Bibliográficas**

**clique aqui**